

ESCOLA E FAMÍLIA: UMA POSSÍVEL RELAÇÃO?

Sidinei Farias*

O século XXI é marcado por novas configurações familiares, ativismo trabalhista, crescente urbanização, ensino mercadológico, crise econômica e de valores, além do fenômeno das terceirizações. Neste último, percebe-se um sistema sociopolítico que implanta a cultura do terceirizar, delegando suas responsabilidades primárias a outros. Prova disso, são as políticas neoliberais privatizando empresas nacionais, a educação virando negócio de grandes grupos estrangeiros, famílias descompromissadas com seus filhos, entre outros. Frente a este contexto, também as redes sociais, os meios de comunicação e o mundo do trabalho vêm provocando uma espécie de terceirização, sobretudo, no seio familiar. Ou seja, enquanto há alguns anos os pais acompanhavam mais seus filhos, hoje eles estão mais ausentes e a lacuna é suprida de forma direta ou indireta por tais terceirizações, vinculada à escola que muitas vezes acompanha mais o educando que a própria família o faz. Com isso, a escola é conflitada na sua função, ou seja, além de assumir suas responsabilidades educativas se sente ameaçada pela falta de pais partícipes na instituição e comprometidos com o processo de aprendizagem dos filhos.

Em todo este contexto educativo desafiador, os pais ainda estão experienciando minuciosamente um processo de endoculturação escolar que promova sintonia e aproximação de ambos. Naturalmente, há duas ou três gerações a escola pouco se preocupava com o incentivo de buscar as famílias para seu espaço educativo. A mesma era uma instituição fechada em si mesma e centralizadora, devido ao contexto e sua forma de pensar a educação até então. Logo, os pais, avós, tios, educandos daquela época e, que hoje colocam seus filhos, netos e sobrinhos no espaço escolar, ainda trazem uma mentalidade que desvincula escola e família, bem como a sociedade em geral. Assim, para criar gerações vindouras articuladas com a escola, demandará certo tempo. Concomitante a isso, embora a família e a sociedade estejam mais escolarizadas quantitativamente, são ainda pouco letradas para a conscientização do valor da escola vinculada à família. Ambas, saíram de um espaço agrário ainda recente para uma urbanização despreparada, faltando consciência e cultura, não desenvolvida enquanto educandos, da importância familiar imbricada aos espaços educacionais. Consequentemente, muitos pais encaram a educação básica, sobretudo a educação infantil, apenas como benefício assistencial e não um direito da criança para seu desenvolvimento pleno.

Entretanto, os argumentos mencionados acima não eximem a escola da responsabilidade de pensar, criar e ressignificar estratégias que envolvam escola e família. A mesma pode abrir-se as novas configurações familiares que surgem e acolhê-las. Um exemplo simples é repensar suas datas comemorativas como dia das mães ou dos pais, celebrando tais datas de outras formas. Hoje a figura maternal ou paternal não é a mesma de uma ou duas décadas atrás e parte dos educandos não são mais criados pela mãe ou pai. Diante disso, há outro desafio que merece amadurecimento da comunidade educativa: é o fato de a escola solicitar colóquios que visam apenas ao aluno como problema ao invés de tratar a respeito do problema do aluno. Quando a família é convocada a

* Possui graduação em pedagogia pela Faculdade Padre João Bagozzi e é bacharelado em teologia pelo Centro Universitário La Salle. Atua como educador do II ano do I Ciclo (ensino fundamental) na Escola La Salle Sapucaia, junto ao ensino religioso.

comparecer à escola para resolver conflitos é importante ouvi-la e que as soluções ou sugestões sejam construídas em conjunto, sem julgamento ou atribuição de culpa. Por que não chamar também, ao menos uma vez ao ano, os pais para elogiar o lado positivo do filho? Assim, eles perceberão que a escola não só os solicita apenas para reclamações, mas também os requer para enaltecer seus filhos. Ao dialogar com a família, especialmente nas reuniões, a escola deve repensar e reciclar sua maneira de conduzi-la, pois elas ainda são formais, longas e com linguagem inacessível.

A democratização do espaço físico escolar para eventos daquela comunidade (esportivos, culturais, confraternizações...) pode ser um quesito encadeador da escola com a família. A instituição passa a ser de todos, fato que compreende os diferentes públicos e faixas etárias. Em outras palavras, a população daquele bairro sentir-se-á pertencente, passando a respeitar ainda mais aquele espaço, exercitando sua vontade e interesse na parceria escolar. Ademais, a promoção de encontros escolares que envolvam debates e palestras com a ajuda de especialistas em assuntos como drogas, pais separados, violência, depressão, beleza feminina, etc., são estratégias que provocarão a família a perceber que a escola olha as suas necessidades, acolhe-a e favorece a transformação de todos.

Embora haja contingente elevado de educandos, a escola precisa desinstitucionalizar-se saindo de suas salas e gabinetes, inserindo-se, visitando os educandos e conhecendo as realidades fora dela, a situação do bairro, etc. Isso gera maior proximidade com os pais e promove uma educação mais sistêmica. Os mesmos se sentem valorizados e eventuais problemas de indisciplina e aprendizagem do discente têm maiores chances de ser compreendidos e resolvidos. Assim, o currículo da escola pode ser repensado, revisto e elaborado com intervenção pedagógica diagnosticada localmente e contemplada por um conhecimento mais sociológico daquele bairro. Portanto, a escola por meio de sua equipe diretiva e professores pode organizar um calendário esporádico de visitação aos educandos, especialmente no início do ano para melhor consecução dos objetivos a serem atingidos naquele anuário.

Há atitudes simples que a escola pouco realiza para se aproximar, como telefonar para saber da saúde do educando, visitá-lo quando está enfermo em casa ou no hospital, comparecer ao velório de um ente da família, etc. Outro gesto simples e significativo é a equipe diretiva, sempre que possível, ir até o portão da escola ou ao carro e cumprimentar a família, no momento em que esta leva seu filho à escola ou o busca, com um sorriso e um aperto de mão. São gestos simples e pequenos, todavia valiosos e grandes no seu significado. A família sentir-se-á amada pela escola e vai querer estar lá pelo diferencial humano e cristão que nossas instituições oferecem por meio da acolhida fraterna que promovemos. Afinal, onde somos bem recebidos, temos o desejo de voltar!

Enfim, o assunto é amplo, desafiador e sem uma receita para soluções emancipatórias. Cientes desse desafio educacional, como desenvolver uma “identidade lassalista própria” para fomentar parceria criativa de escola e família? São indagações para outras pesquisas e discussões que fomentarão o diferencial educativo de sermos uma rede de escolas cristãs.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Jane Margareth; REGATERRIERI, Marilza. **Interação Escola-Família: Subsídios para Práticas Escolares**. Brasília: Unesco, Mec, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em Descontrole: O Que a Globalização Está Fazendo de Nós.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

SUKIENNIK, Paulo Berél (Org.) **O aluno-Problema: Transtornos Emocionais de Crianças e Adolescentes.** 2ª Ed. - Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.